



José Gabriel Avila*
jgacores@gmail.com

Carta a um dirigente político

“Este é um tempo propício a jogadas partidárias para salvaguardar interesses mesquinhos, pessoais e de grupo, que o eleitorado não entende e até condena, afastando-se das urnas. A política no seu pior.”

Sei que nesta ocasião não há tempo a perder para ler e escutar opiniões sobre os valores que devem presidir à sua ação e desempenho político.

O tempo urge e há que cumprir as regras estatutárias tendentes à formação de uma maioria que suporte um governo estável e duradouro.

No entanto, tendo em conta que “a política é a arte do possível” e que “toda a vida é política” (O.V. Bismarck) importa que os dirigentes desempenhem bem esse mister, sobretudo agora que o espectro partidário é muito diversificado.

Nos bastidores dos dois maiores partidos políticos é altura de grande azáfama, seja em “contatos secretos”, seja em delinear estratégias, guardando “na manga” a cartada certa combinada com os pequenos partidos.

A lógica democrática e o senso comum da maioria dos eleitores apontou para a formação de um governo PS/PSD – fórmula não recusada na campanha eleitoral. Todavia, há opiniões contrárias a este entendimento, alegando ele ser impossível por meras razões conjunturais, partidárias e eleitorais, provenientes de desavenças, de lutas antigas, da falta de diálogo democrático, do exercício do poder.

No atual quadro político, infelizmente, este é um tempo propício a jogadas partidárias para salvaguardar interesses mesquinhos, pessoais e de grupo, que o eleitorado não entende e até condena, afastando-se das urnas. A política no seu pior. Passados tantos anos, o sistema político açoriano, tal como o português, não se regenerou, e era imperioso que tal acontecesse para dignificação da Política.

Na sua recente encíclica “Fratelli Tutti” o Papa Francisco, cujo pensamento e ação têm recebido o maior acolhimento por toda a humanidade, pergunta e responde: “Que significado têm hoje palavras como democracia, liberdade, justiça, unidade? Foram manipuladas e desfiguradas para utilizá-las como instrumento de domínio, como títulos vazios de conteúdo que podem servir para justificar qualquer ação.” (FT.15)

Francisco critica a postura de muitos agentes políticos mais preocupados “em obter as vantagens que o poder proporciona ou, na melhor das hipóteses, em impor o seu próprio modo de pensar.” (FT.202)

O Papa afirma que “As maiores preocupações dum político não deveriam ser as causadas por uma descida nas sondagens, mas por não encontrar uma solução eficaz para «o fenómeno da exclusão social e económica.” (FT.188).

O serviço do bem comum, prossegue Francisco: “degenera num populismo insano, quan-

do se transforma na habilidade de alguém atrair consensos a fim de instrumentalizar politicamente a cultura do povo, sob qualquer sinal ideológico, ao serviço do seu projeto pessoal e da sua permanência no poder. Outras vezes, procura aumentar a popularidade fomentando as inclinações mais baixas e egoístas dalguns setores da população”. (FT.159)

Criticando práticas políticas que, nos últimos anos se vêm impondo por todo o mundo, o Papa, afirma que “a política é mais nobre do que a aparência, o marketing, as diferentes formas de maquilhagem mediática. Tudo isto semeia apenas divisão, inimizade e um ceticismo desolador incapaz de apelar para um projeto comum.” (FT. 197)

No seu entender: “A política deixou de ser um debate saudável sobre projetos a longo prazo para o desenvolvimento de todos e o bem comum, limitando-se a receitas efémeras de marketing cujo recurso mais eficaz está na destruição do outro”. (FT.15)

Nesta ordem de ideias, o Papa apela ao diálogo entre os dirigentes políticos e os cidadãos: “Um bom político dá o primeiro passo para que se ouçam as diferentes vozes. É verdade que as diferenças geram conflitos, mas a uniformidade gera asfixia e neutraliza-nos culturalmente. Não nos resignemos a viver fechados num fragmento da realidade”. (FT.191) E continua: “Saber escutar o ponto de vista do outro, facilitando um espaço a todos. Com renúncias e paciência, um governante pode ajudar a criar aquele poliedro bom onde todos encontram um lugar. (...) Parece uma utopia ingénua, mas não podemos renunciar a este sublime objetivo”. (FT.190) “O debate público, (...) é um estímulo constante que permite alcançar de forma mais adequada a verdade ou, pelo menos, exprimi-la melhor. Impede que os vários setores se instalem, cómodos e autossuficientes, na sua maneira de ver as coisas e nos seus interesses limitados. Pensemos que «as diferenças são criativas, criam tensão e, na resolução dum tensão, está o progresso da humanidade». (FT.203)

Ao longo da campanha eleitoral houve debates frouxos, alguns até medíocres, sobre os programas eleitorais. Algumas propostas avulsas foram, como convinha, repetidas à exaustão. Mas não se discutiu um novo paradigma sócio-económico decorrente da pandemia, nem as questões demográficas, nem o envelhecimento da população e os cuidados de saúde, nem a sociedade da informação e o progresso digital, científico e ambiental, nem as potencialidades da ZEE açoriana, por exemplo. A maior parte dos candidatos limitou-se a enumerar problemas locais, sem integrá-los numa estratégia regional de futuro

e, muito menos, na defesa das periferias e dos mais desfavorecidos.

Sobre a pobreza o Papa adverte: “O desprezo pelos vulneráveis pode esconder-se em formas populistas que, demagogicamente, se servem deles para os seus fins, ou em formas liberais ao serviço dos interesses económicos dos poderosos”. (FT.155) E adianta: “A superação da desigualdade requer que se desenvolva a economia, fazendo frutificar as potencialidades de cada região e assegurando assim uma equidade sustentável”. (FT. 161)

O fundamento das preocupações sociais de Francisco é este: “O mundo existe para todos, porque todos nós, seres humanos, nascemos nesta terra com a mesma dignidade. As diferenças de cor, religião, capacidade, local de nascimento, lugar de residência e muitas outras não podem antepor-se nem ser usadas para justificar privilégios de alguns em detrimento dos direitos de todos”. (FT.118)

Senhor Dirigente político: duvido que as citações aqui expressas, retiradas da encíclica do Papa Francisco sobre a Fraternidade e a Amizade Social, constem das preocupações das forças políticas que discutem o próximo Governo dos Açores.

A promoção da dignidade humana deveria ser a preocupação dominante de uma «política salutar, capaz de reformar as instituições, coordená-las e dotá-las de bons procedimentos, que permitam superar pressões e inércias viciosas». (FT.177)

Daí ser “necessária a política melhor, a política colocada ao serviço do verdadeiro bem comum”. (FT.154)

Todas estas referências ultrapassam os ditames da Ciência Política e os conceitos maquiavélicos que habitualmente acompanham as estratégias das lideranças partidárias.

De qualquer modo aqui fica este contributo, na certeza de que os valores éticos que os açorianos perfilam e que estão plasmados na sua identidade tem uma fundamentação cristã que os políticos não podem ignorar na construção do bem-comum.

Agradeço a sua eventual leitura e desejo que das palavras do Papa tire bom proveito.

*jornalista c.p. 239 A
http://escretemdia.blogspot.com